



**“FALE COMO HOMEM, VIADO” - INTOLERÂNCIA LINGUÍSTICA CONTRA
HOMENS GAYS**

David Lisboa de Oliveira¹
Elisângela Gonçalves da Silva²
Kércia Rosario Fiuza Oliveira³

INTRODUÇÃO

Mendes (2009) associa performance linguística à construção de uma identidade social, visto que “a linguagem é portadora de significados simbólicos e sociais, e os falantes se dão conta de tal propriedade, valendo-se de sua linguagem para fins sociais”. É possível acessar as variantes linguísticas e as funções sociais por elas representadas por meio da variação no estilo de linguagem.

As variantes linguísticas estão comumente associadas ao grupo de indivíduos por quem são utilizadas; todavia, Labov (1966) amplia essa noção ao propor que as variantes caracterizam também indivíduos cujo propósito é o de fazer-se reconhecer como pertencente a certa comunidade (ideia compartilhada por Bell, 2001), o que é demonstrado por Trudgill (1974) que constatou essa hipótese ao estudar a linguagem de homens, concluindo algumas variantes constituem marca de prestígio social. Seu estudo colabora, assim, para a compreensão da linguagem como meio de construção de identidade.

Um outro conceito fundamental a ser discutido neste trabalho é o de intolerância linguística. Leite (2012) faz referência à noção de tolerância negativa, que consiste “indeferida exclusão do diferente” (BOBBIO, p. 211 apud LEITE, p. 24) por meio de “comportamentos violentos, agressivos, que atingem o outro na sua integridade física, moral ou racial”. Na língua, a intolerância “é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta por um discurso metalinguístico, calcado em dicotomias” (LEITE, 2012, p. 24).

1 Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: davidlisboa.com@gmail.com

2 Orientadora. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: elisangela.silva@uesb.edu.br

3 Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: kercia_rosario@hotmail.com



Com base nesses pressupostos, propomos uma análise preliminar sobre quais características da linguagem de um gay contribuem para a expressão de sua identidade e que são reconhecidas como tal por pessoas que as rechaçam/rejeitam por meio de manifestações de intolerância linguística contra os mesmos. Discutir manifestações de intolerância linguística contra os gays consiste no objetivo do presente trabalho.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa, na internet (por meio do site de busca Google), de frases muito empregadas na sociedade brasileira que demonstram a intolerância linguística com relação à linguagem dos gays. Trata-se de frases que “atacam” o modo de falar desses indivíduos, reprovando-o, já que o coloca como negativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde criança, meninos e meninas são ensinados sobre como se portarem socialmente - existem comportamentos que são próprios de um gênero e de outro, entre os quais estão o modo de se vestir, com o que brincar, como andar, como falar.

Conforme Frada (2007), numa cultura falocêntrica, como a brasileira, colocações como “Endireite-se e fale como homem!”, “Para de agir como menina!”, “Não seja mulherzinha!”, entre outras servem como um meio para estabelecer distinção entre os gêneros, sobrepondo um ao outro.

Essas frases retratam o que a sociedade contemporânea concebe como o ser “homem”. Neste trabalho, concentramo-nos em como a linguagem exerce um importante papel nesse ideário do que venha a ser um “homem”, mais que isso, de quais características um indivíduo deve ter para ser considerado um “homem”. Aquele que não atende a tais exigências é rechaçado, é discriminado, é vítima da intolerância linguística. Detemo-nos às expressões indicadas em (1) a seguir, comumente ouvidas da boca de brasileiros e brasileiras.

- (1) a. Macho que é macho se cumprimenta com palavrão.
b. Não suportava bichas que falam mole.



c. Fale que nem homem, seu gay!

A frase “Macho que é macho tem que falar palavrão” se encontra no que, segundo o próprio autor, deveria ser um “trabalho de faculdade”, em que ele relata as divergências entre ser gay e ser hétero (homem e mulher), e conta, do ponto de vista de um homem gay, a discriminação que vivencia, em particular, por parte de seu pai, e a pressão que um indivíduo sofre por parte da sociedade para que se comporte como “macho”. De acordo com o mesmo, a fala grosseira, chula e “recheada” de palavrões, vista negativamente por ele, é característica da linguagem de homens héteros em nossa sociedade:

(2) Olha, o homem: tem que fazer xixi – mijar, fala direito rapaz, diria meu pai – em pé. Se eu fosse homem como minha família insiste, eu teria que dar bom dia falando um palavrão. Palavrão parece que foi feito por e para homens. Se não fala palavrão é porque não é macho. Macho que é macho se cumprimenta com palavrão.

Todavia, ele, como gay, vai contra os valores da sociedade e prefere utilizar uma linguagem oposta à dos homens héteros: “Até gosto de mulher. Mas não pra chamar de gostosa, não pra chamar de vagabunda. Eu gosto de mulher pra chamar de miga, poderosa.

Percebemos, assim, que a linguagem é um dos fatores que ajudam na distinção entre homens gays e homens héteros, sendo que é a conduta dos últimos a esperada e desejada para as pessoas “nascidas num corpo de homem”.

Vale ressaltarmos que a análise aqui desenvolvida não se estende a toda a sociedade; contudo essa concepção é compartilhada por muitos brasileiros.

Em outro site da internet, encontra-se um texto cujo autor afirma que “a busca pela masculinidade absoluta faz com que muitos gays se privem das tantas possibilidades que a homossexualidade oferece”. Isso porque este “vive sob constante patrulha, pois qualquer escorregão [...] pode marcá-lo como gay enrustido”. Discorre sobre o comportamento daqueles que denomina “gays machões”, isto é, aqueles que se esforçam no sentido de não serem reconhecidos como gays. Isso é demonstrado neste comentário de outro internauta sobre si mesmo no período em que resistia a assumir-se gay:

(3) Usar qualquer pronome feminino relacionado à minha pessoa era expressamente proibido. Me chamar de “bicha”, então, simplesmente inaceitável. Não suportava bichas que falam mole, e mal conseguia disfarçar o orgulho quando alguém vinha me dizer que eu nem parecia gay.



Ao contrário do gay machão, que vive em uma “amarra”, o gay “assumido” possui vantagens como a liberdade e criatividade quanto ao uso da linguagem:

(4) Ao conhecer mais e mais viados, descobri um mundo em que as bichas se chamam carinhosamente de biscate; que tem a criatividade para criar expressões geniais como “fazer a egípcia”, “dormir de Chanel” e “vir de vinagrete” [...]

O autor da terceira frase, apresentada em (1c), discute expressões que distinguem “machudos” de gays, bem como suas vozes e jeito de falar, como podemos observar nesta citação:

(5) Se “Coé bróder” está para os machudos assim como “Nhái bunita” está para as pintosas, fica claro que a linguagem tem papel importante na definição entre o que é firmeza e o que é lacre. Tanto nas conversas digitadas quanto na língua falada, os graus de masculinidade e de feminilidade atribuídos às palavras e ao timbre de voz ou ao jeito de falar denunciam o teatro de gênero que representamos em nossas identidades e até mesmo em nossos desejos.

Todas essas colocações nos remetem às noções de preconceito, machismo, homofobia, intolerância linguística, conforme acreditamos atestar esse comentário de um internauta:

(6) Será que os manos que falam ou escrevem “coé”, “blz”, “fmz”, “suave” e afins realmente utilizam essas palavras no dia a dia ou dentro de seus recortes de classe e região, ou de repente esse linguajar “mais macho” quer projetar uma masculinidade idealizada? [...] Quantos desses gays que hoje rejeitam quem “fala miando” escutaram, na infância, um “fala que nem homem” em forma de esporro? É nessa espiral de ação e reprodução de preconceitos que a homofobia atinge seu objetivo mais cruel: nos matar por dentro.

CONCLUSÕES

Os exemplos analisados neste trabalho apontam para o fato de que o ser reconhecido como homem hétero vs. homem gay perpassa pelas expressões linguísticas empregadas por cada um dos gêneros. Todavia, essas diferenças não são respeitadas, mas a fala dos



primeiros se impõem à dos segundos, que contam com muita discriminação de grande parte da sociedade, quando esta tenta impor-lhes, por exemplo, que “ falem como homem”, a ponto de alguns homens gays se esforçarem por serem reconhecidos como homens héteros e se orgulharem disso.

Muitos homens héteros, desde a infância e a adolescência, sofrem violência verbal e física por parte de seus pais, professores, colegas de escola, vizinhos, de modo a manterem um comportamento socialmente típico de homens héteros. Esses constituem casos em que pessoas manifestam ódio, rejeição, violência contra os gays por não aceitarem, entre outras coisas, o seu jeito de falar, tido como feio, irritante, efeminado, de mulherzinha (colocando a mulher heterossexual numa categoria de ser inferior ao homem heterossexual). Tudo isso consiste em intolerância linguística.

Palavras-chave: Heterossexualismo. Homossexualismo. Intolerância linguística. Sociolinguística Variacionista.

REFERÊNCIAS

BELL, A. Styling the other to define the self. **Journal of Sociolinguistics**, v. 4, p. 523-541, 2001.

FRADA, M. **O que é ser homem?**. Andaluzia, nov. 2008. Disponível em: <<https://andaluzia.wordpress.com/2008/11/09/o-que-e-ser-homem/>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LEITE, M. Q. Preconceito e intolerância na linguagem: algumas reflexões. In: _____. **Preconceito e intolerância na linguagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-29.

MENDES, R. B. O que significa falar como “gay” em São Paulo. **Diversitas**, jun. 2009. Disponível em: <<http://diversitas.fflch.usp.br/node/2187>>. Acesso em: 02 abr. 2017.